

PRINCIPAIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS ESCOLAS DE DANÇA NO QUE SE REFERE A PARTICIPAÇÃO MASCULINA NO BALÉ CLÁSSICO

Vanessa de Sousa Pinheiro¹

Danúbia Aires de Souza²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar os principais desafios enfrentados pelas escolas de dança para compor o corpo de baile masculino, bem como as estratégias utilizadas pelas mesmas para sanar essas demandas. De forma específica, propôs-se: Identificar e analisar os principais desafios encontrados pelas escolas de dança, no que se refere à adesão e permanência de homens nos programas/ aulas de ballet; identificar se há estratégias e destacar quais são as utilizadas pelas escolas para estimular a participação de homens nas aulas de dança. Os resultados apontam a existência de obstáculos para atrair o gênero masculino para as aulas de dança, reforçando que não depende apenas de meios sociais para que atrair, mas sim de um apoio cultural em nosso estado, e isso dificulta muito no ato da realização de espetáculos e projetos que movimentam a dança capixaba.

Palavras-chave: Dança, Gênero, masculinidade

ABSTRACT

This research aims to investigate the main challenges faced by dance schools to compose the male dance corps, as well as the strategies used by them to meet these demands. Specifically, it was proposed to: Identify and analyze the main challenges encountered by dance schools, with regard to the adhesion and permanence of men in ballet programs/classes; identify if there are strategies and highlight which ones are used by schools to encourage the participation of men in dance classes. The results point to the existence of obstacles to attracting males to dance classes, reinforcing that it does not depend only on social media to attract, but on cultural support in our state, and this makes it very difficult when performing shows and projects that move Espírito Santo dance.

Keywords: Dance, Gender, Masculinity

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Educação Física Centro Universitário Salesiano UNISALES. E-mail: vanessaapinheiro@gmail.com

² Licenciatura Plena em Educação Física, Mestre em Educação/UFRJ, Professora do Centro Universitário Salesiano UNISALES. E-mail: dsouza@unisales.br.

1 INTRODUÇÃO

Entre todos os conteúdos presentes na Educação Física que abordam aspectos importantes como: os motores, cognitivos e sócios afetivos, a dança também tem seu papel fundamental ao ser introduzida na área da educação física. Além de desenvolver várias habilidades, como a flexibilidade, melhora do condicionamento aeróbico, aprimoramento da coordenação motora, resistência, força, a dança proporciona aos alunos uma experiência corporal única e pode ser usada como um instrumento de socialização. Mesmo diante de tais benefícios, observa-se uma dificuldade existente ao introduzir a dança como conteúdo tanto no meio escolar, quanto nos espaços de formação técnico-profissionalizante em dança.

Dados empíricos destacam que têm sido cada dia mais visíveis os obstáculos enfrentados por professores que decidem trabalhar com a dança especificamente no que tange a participação masculina nas aulas. Sendo que, no espaço escolar a dança se faz presente enquanto prática corporal, sendo uma das únicas disciplinas dentro da escola que possibilita que os alunos vivenciem questões ligadas ao movimento corporal e sua relação com o contexto social. Algumas pesquisas de autores como Isabel Marques (2007), Márcia Strazzacappa (2001) entre outros, buscam evidenciar como se dá a prática da dança na educação formal, mas a relação da mesma com a masculinidade ainda está pouco difundida.

Evidenciamos que esse assunto abrange concepções, mitos e preconceitos acerca da construção do corpo, que giram em torno da construção de gêneros masculino e feminino pela sociedade, reprimindo de forma opressiva as pessoas que de alguma forma não se enquadram nesse padrão traçado socialmente, e essa opressão acaba influenciando nas ações relacionadas às práticas corporais tratadas tanto dentro das aulas de Educação Física escolar, quanto nos outros espaços aos quais as práticas corporais se façam presente. Interferindo de maneira significativa nas escolas de dança, trazendo dificuldades em atrair o corpo de baile masculino para as escolas.

Nesse caminho, se fez relevante propor um estudo em torno das possibilidades e dificuldades cotidianamente encontradas por esses profissionais, bem como, a análise das estratégias utilizadas para superação dos mesmos. É nesse sentido que emerge o problema dessa pesquisa, que visa responder a seguinte questão: Quais são os principais desafios vivenciados pelas escolas de dança para compor o corpo de baile masculino, bem como, quais são as estratégias utilizadas para sanar essa demanda?

A escolha do tema se deu pela vivência de anos de prática da modalidade de dança e ao decorrer da formação acadêmica, à medida que acumulava mais conhecimentos e certeza do quanto é importante tratar esse assunto. Para tanto, a importância desse tema vai de encontro a necessidade da sociedade de superar paradigmas acerca das diferentes formas de preconceito, com ênfase para a presença do homem na dança.

Cabe destacar que no surgimento do ballet apenas os homens dançavam, mas com o passar do tempo esse espaço foi conquistado pelas mulheres. E mais do que isto, o ballet passou a ser caracterizado como uma dança tipicamente feminina. Esta mudança cria, então, nos dias de hoje, um espaço para a manifestação do

preconceito. Atualmente, o homem que dança ballet tem sua " masculinidade questionada "socialmente, pois se construiu uma visão de que esta manifestação cultural quando praticada por homens é realizada apenas por homossexuais (DOMINGUES e BANDEIRA, 2010).

Segundo Hanna (1999) as razões pelas quais os indivíduos se dedicam à dança são variáveis. Durante as aulas de EF os corpos dos alunos e alunas se movimentam e entram em contato uns com os outros. Nessa fase, os comportamentos se tornam sexualmente tipificados e adquirem valor e significado diferentes para os meninos e para as meninas (ROMERO, 1990).

Miranda (1994, p.8) relata que as atividades de dança não devem ser "[...] tratadas como conteúdo específico, mas sim como atividades motoras utilizadas para a consecução dos objetivos da educação física." Então, quando se pensa na dança como conteúdo da educação física escolar, ela deve ser trabalhada com propósitos e finalidades da educação física escolar, e não ser desenvolvida como um campo de conhecimento isolado, que objetiva formar um futuro dançarino.

Apesar dos grandes esforços para se demonstrar moderna e avançada tecnologicamente, nossa sociedade ainda é preconceituosa. Ainda percebe-se a utilização de termos discriminatórios, dentre eles para se referir à homossexualidade, dentre elas a masculina (GARCIA, 2002).

Considerando os desafios mencionados acima, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar os principais desafios enfrentados pelas escolas de dança para compor o corpo de baile masculino, bem como as estratégias utilizadas pelas mesmas para sanar essas demandas.

De forma específica, propõe-se: Identificar e analisar os principais desafios encontrados pelas escolas de dança, no que se refere à adesão e permanência de homens nos programas/ aulas de ballet; identificar se há estratégias e destacar quais são as utilizadas pelas escolas para estimular a participação de homens nas aulas de dança.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A dança é considerada um fenômeno que se mostra, desde sempre, como expressão humana. Nas linguagens artísticas, nos rituais e formas de lazer a dança sempre esteve presente. É também forma de comunicação do ser humano, através de diálogos verbais e/ou corporais. Proporciona o autoconhecimento, os conhecimentos a respeito dos outros. É uma expressão individual e coletiva entre as pessoas (BARRETO, 2005).

Embora a dança esteja sendo tematizada em várias perspectivas, em outras abordagens e disciplinas existentes. O fato questionado seria a dificuldade que os professores ainda possuem em trabalhar a dança em suas aulas na escola, sendo esse o segundo local cuja influência se faz constante na formação de crianças e adolescentes, além da família.

De acordo com Duveen (1999, p. 265), “a criança nasce em um mundo que já está estruturado pelas representações sociais de sua comunidade, o que lhe garante a tomada de um lugar em um conjunto sistemático de relações e práticas sociais”.

[...] a criança nasce em um mundo que é estruturado por representações sociais de gênero, e através dessas representações ela é construída, isso não significa que ela nasce com competência para ser um ator social independente no mundo. (...) Representações de gênero fornecem uma referência importante através da qual a criança adquire uma identidade que lhe permite situar-se no mundo social (DUVEEN, 1999, p.266).

Devemos lembrar que nenhuma criança nasce preconceituosa, o preconceito é algo que se aprende, sendo assim, vem das relações sociais que se estabelecem na família, igreja, entre outros espaços de convivência. As crianças por possuírem um convívio social familiar, já atribui um direcionamento de seus valores afetivos, e uma possível negação ao sexo oposto pode dificultar a ação dos professores de educação física quanto ao trabalho corporal a ser desenvolvido com os educandos.

A dança é uma das linguagens artísticas que possui maior presença feminina no mundo. Contudo, há uma dificuldade na academia de dança para atrair o gênero masculino. Como consequência, não há um grupo típico das danças clássicas que seja dominado por homens. A dificuldade que os homens encontram para se inscrever em uma academia de dança é principalmente devido à estigmatização.

Os preconceitos, quando percebidos pela comunidade acadêmica, vêm causando grandes problemas na formação dos alunos. Nesse contexto, a dança é uma arte fluida e em constante evolução, um ponto de encontro de indivíduos e culturas. Na sua qualidade de prática cultural, a dança tem o poder de criar sentido. Nesse contexto, a dança pode transcender fronteiras e identidades. Pode transformar quem somos e como os espaços são percebidos.

As manifestações de ideologias masculinas na sociedade levaram a um foco maior nas noções tradicionais de masculinidade que glorificam a força, o domínio sobre os outros, a independência da esfera feminina e a heterossexualidade. Dessa forma,

As disposições masculinas inculcadas desde a infância e reiteradas durante toda a vida, pois, internacionalmente vivenciadas, prendem-se às ideias mais difusas e comuns acerca do comportamento masculino autêntico, em que se relacionam características tais como força, resistência, coragem, capacidade de tomar iniciativa, comportamento heterossexual etc. (OLIVEIRA, 2004, p.273).

Segundo Hanna (1999) " as razões pelas quais os indivíduos se dedicam à dança são variáveis". De acordo com Garcia, por mais que nossa sociedade esteja cada vez mais avançadas em vários aspectos, existe uma grande parte que continua com esse julgamento preconceituoso para o corpo de baile masculino, com isso, nosso dever como profissional da área, é tentar mudar essa forma de pensamento que a sociedade vem tendo, desta forma, podemos começar nas escolas de ensino, nas aulas de educação física.

Vale lembrar que é na sociedade que as características sexuais femininas e masculinas são construídas e representadas, portanto, ao chegarem à escola, meninas e meninos já percorreram um caminho social de convivência e incorporação dos valores de sua cultura. Sabem a que gênero

pertence e, na maioria das vezes, o que se espera deles nos papéis feminino e masculino. Em muitos casos, estão impregnados das velhas concepções preconceituosas sobre o homem e a mulher, construídas com base nas diferenças de sexo (PUPO, 2007, p.01).

Destacamos então algumas civilizações que utilizavam a dança como instrumento de formação social e religiosa. Inicialmente podemos citar o Egito, onde as danças eram eminentemente ritualísticas, voltadas para a adoração das divindades. O Japão ilustrava em suas danças, lendas ou crenças sobre a relação entre divindades e natureza. Já a China utilizava a arte como temática moralizadora e filosófica, com fins educativos, demonstrando que os súditos deveriam ser submissos aos imperadores .

Gênero é, segundo Connel (1995), uma construção que se dirige fundamentalmente aos corpos. O processo de educação de homens e mulheres implica um processo de ensino e aprendizagem de valores, atitudes de vida e até de posturas corporais distintas para cada sexo. A dança tem diversos sentidos e significados podendo ser praticada como forma de expressão artística, expressão humana, expressão de sentimentos e expressão da sociedade, como forma de aquisição de conhecimentos, de práticas de lazer, de prazer, como liberação da imaginação, desenvolvimento da criatividade, de desenvolvimento da comunicação e como veículo de socialização (BARRETO, 2004, citado por SILVA, 2009, p.1).

A partir desse olhar, a dança pode ser analisada como uma dentre as muitas práticas socialmente instituídas através das quais os corpos dos indivíduos são “marcados” por gênero, ou seja, os usos do corpo, dentro dos mais diversos estilos de dança, podem ser analisados como mecanismos de normatização, de aplicação das normas de gênero, que investem na produção de determinados tipos de corpos masculinos ou femininos.

Segundo Romero, nas aulas de educação física, onde o professor faz a prática da modalidade no seu dia a dia, após passar certas atividades, é preciso que usem o corpo para realização dos movimentos, sendo assim, os alunos começam a levar para outro lado, pois os certos movimentos corporais ficam sexualizados, ousados, entre demais sentidos e isso acaba atrapalhando as aulas e o intuito da dinâmica da aula.

Apesar de a padronização do gênero masculino determinar o que é ser homem dentro do contexto social, o simples fato de manter-se incrédulo diante do que a sociedade definiu como comportamento masculino, faz com que sua identidade sexual seja estigmatizada. Por tanto, a masculinidade é questionada, quando ela não apresenta efeitos e atitudes necessariamente contrárias à de uma mulher, e de certa forma se iguala a ela deixando de lado as características padronizadas que são esperadas do seu gênero.

De acordo com Silva (2009, p.1) “a dança certamente contribuiu para a constituição, perpetuação e disseminação da cultura de todos os povos que dançam e que ainda dançam permitindo conhecermos a diversidade cultural que se espalha pelo mundo em todas as épocas e contextos históricos acompanhando a evolução da humanidade”.

O povo primitivo dançava por inúmeros motivos: para a caçada, colheita, alegria, tristeza, rituais aos seus deuses, casamento, para homenagear a natureza, para anunciar a guerra e descobriu durante sua evolução que poderia dançar por prazer, por lazer, para ostentar sua riqueza, afirmar seu poder e distinguir a sua classe, ou seja, dançava para tudo que tinha um significado para sua existência (SILVA, 2009, p.1).

Entretanto, desde o princípio a dança sempre foi usada como instrumento de formação social e religiosa, ligado ao ato de sobrevivência. Segundo LANGENDONCK (2016, p.3) as danças no Egito tinham um caráter sagrado e eram executadas em homenagem aos deuses. Na Índia, as danças têm origem na invocação a Shiva (deusa da dança). Com suas danças e músicas, os hindus procuravam uma união com a natureza.

De acordo com SILVA (2009, p.1) "Grécia que atribuiu-lhe grande importância desde os primórdios de sua existência, aparecendo em mitos, lendas, cerimônias, literatura e também como matéria obrigatória na formação dos cidadãos com a finalidade de educá-lo cultivando a disciplina e a harmonia das formas"

[...] era empregada desde a infância até à maturidade, exercendo maior ênfase na educação dos jovens como meio para preparação corporal e para desenvolver coragem e destemor, incitando os soldados para a batalha, esta civilização considerava que o belo porte simbolizava a própria beleza e para ter um corpo esbelto era necessário exercitá-lo, através do esporte e da dança, assim como, era considerado educado o homem que soubesse política, filosofia, música e dança. (SILVA, 2009, p. 1)

Convivemos com uma sociedade visivelmente dominada pela cultura social da masculinidade hegemônica sobre a maioria das ações. Embora muitos não se recordam, a dança sempre nos representou, sempre fez parte da nossa cultura e religião. Pois ela sempre foi expressada pelo povo antigo, de inúmeras formas, como rituais, festivais, casamentos, entre outros.

De acordo com Silva (2009, p.1) "a dança certamente contribuiu para a constituição, perpetuação e disseminação da cultura de todos os povos que dançaram e que ainda dançam permitindo conhecermos a diversidade cultural que se espalha pelo mundo em todas as épocas e contextos históricos acompanhando a evolução da humanidade".

Segundo Oliveira (2004, p.49) "ainda que pudesse estimular e valorizar atributos guerreiros, no século XIX, a religião se incumbia, principalmente, de promover a moralidade tipicamente burguesa, enquanto o exército e os esportes cultivavam valores masculinos para a educação da virilidade".

Conforme Samara (1997, p.15), há uma ideia já consagrada pelo discurso social e religioso, de que as identidades de gênero foram dadas enquanto consagrações divinas", por esse motivo a religião mostrava-se importante na formação das ideologias sociais de gênero.

Segundo Souza (2008), inicialmente a teologia era uma atividade predominantemente masculina, onde os homens relatavam experiências com o divino.

Com a chegada da teologia feminista, a partir da década de 1960, essa reflexão masculinizada foi questionada. Conforme Souza (2008, p.02) “denunciando o caráter antropocêntrico e patriarcal até então dominante, a teologia feminista valeu-se das teorias de gênero, demonstrando que existe diferença entre sexo e gênero. Enquanto sexo encontra-se relacionado ao plano biológico, gênero é uma construção sócio histórica”.

Dessa forma a teologia feminista fez com que o pensamento masculino, antes visto como universal, colidisse com a realidade de uma sociedade diversificada, com pensamentos distintos. Essa visão promoveu o reconhecimento da diferença de poder existente entre homens e mulheres, pois segundo Gebara (2000, p.111) “o feminino e o masculino também tem haver com as relações de poder exercidas na sociedade privada e na sociedade pública pelas mulheres e pelos homens”. De acordo com Lemos (2008, p. 11), “ser homem e ser mulher no grupo religioso indicam muitas possibilidades fadadas única e exclusivamente ao gênero, que podem representar ganho ou perda social para os sujeitos”.

Na religião a masculinidade é mascarada a todo o momento pela ideia de universalidade, o que gera uma hegemonia forçadamente natural dos fatos e ações relatados e realizados nas doutrinas. De acordo com Lemos (2008, p.10) ela teria como função “instituir as representações de gênero, com base nos preceitos cristãos”. O grande desafio da teologia é desconstruir uma ideia de espiritualidade baseada no poder e na violência e desenvolvê-la baseada nas relações de solidariedade e cooperação.

De acordo com Geertz (1989, p.86) as construções religiosas são fixadas de maneira penetrante e duradoura na mente dos seguidores, ele cita a leitura de São Paulo aos Efésios (5,23-25): “mulheres sejam submissas aos seus maridos como o Senhor. Pois o marido é a cabeça da mulher, do mesmo modo que Cristo é a cabeça da Igreja.” Dessa forma a representação masculina destaca-se como superior a todas as coisas, principalmente sobre a mulher.

Apesar da evolução na relação dos gêneros encontrados atualmente na sociedade, a defesa de conceitos como os que alegam que Deus determinou, logo após expulsá-los do paraíso, que o homem trabalhasse para sustentar a família e a mulher serviria para gerar a prole, ainda é muito comum. Cabe aos homens então que sejam poderosos, racionais, viris, não emotivos e agressivos (quando necessário). Segundo Ecco (2008) “essas ideias religiosas não perderam sua influência cultural no processo de sacralização das representações sociais sobre a masculinidade”.

Infelizmente, muitos professores destacam que ainda não estão preparados para aplicar a disciplina de dança em suas aulas, e com isso atrapalha muito o público masculino a se desenvolver e quebrar esse paradigmas, pois o preconceito muitas vezes começa dentro dos próprios lares, onde os pais afirmam que “dança é coisa de mulher”, e isso só ganha mais força. O professor é referência dentro e fora da escola e seus alunos seguem seu raciocínio. Segundo Nanni (1995), a dança é

fruto da expressão do homem que através da pantomima e da mímica mais primitiva, iniciou o processo de comunicação com seus semelhantes, com a natureza e com as divindades.

Por tanto, o homem que dança apresentam quaisquer diferenças que não atenda aos padrões masculinos estabelecidos pela sociedades sofrem com preconceito em sua vida, embora a dança esteja marcada na nossa cultura, fazendo parte da história de cada ser humano ela não é aceitável, e as pessoas que decidem quebrar esses paradigmas que foram criados dentro e fora do seu meio de convívio, sofrem com agressões. Considerando que a dança seja vista como algo exclusivo ao universo feminino não será desconstruída apenas dentro da escola. Sendo assim, precisamos trabalhar de maneiras efetivas em todas as esferas sociais, mostrando que não é de campo exclusivo feminina, mas uma modalidade normal e que deseja proporcionar qualidade de vida melhor, independentemente da sua classe social, cor, gênero e idade.

Ao percorrer a trajetória da história da dança desde os primeiros sinais de sua existência, passando por sua evolução desde a luta pela sobrevivência, caminhando pelos aspectos religioso, folclórico, artístico, até nossos dias, é possível perceber com clareza a presença da dança, tanto no mais simples, quanto nos momentos históricos que marcaram época em cada sociedade. (RANGEL, 2002, p. 40 apud SILVA, 2009, p.1).

Então, sabemos que a dificuldade encontrada não é apenas bloqueio dos alunos a fazer a prática, mas também dos profissionais da área do gênero masculino, pois em sua formação ficam com receio devido seus amigos em sala de aula, com o que pensará a respeito, não se sente preparados e fazem questão de se preparar com isso sua formação acaba sendo atrapalhada e o seu desenvolvimento fica ilimitado.

E com isso, acabam não tendo a prática de forma correta deixando de lado um grande conhecimento. Pois, o gênero feminino é o que mais vem atuando hoje em dia com a disciplina de dança nas escolas e academias de danças. Em meio a pesquisa realizada, as dificuldade de ter o público masculino em suas aulas é grande .

Vale ressaltar que o professor, mesmo que não tenha vivência ou a prática, não deve restringir essa vivência de seu aluno, e até mesmo, para seu crescimento na área, porque uns dos fatores que têm limitado a presença e o ensino da dança na escola é a receptividade dos próprios professores da escola, pois alguns tendem a “menosprezar” o trabalho, considerando a dança um “luxo” de menor importância no conjunto das disciplinas oferecidas pelo currículo.

A escola ocupa um papel importante na formação dos indivíduos, sendo uma das instituições responsáveis pela construção e desconstrução de conceitos sociais que envolvem questões educacionais, por isso ela é buscada pela família e pela sociedade como aliada na formação dessas ideias.

Em uma pesquisa sobre gênero e a sexualidade realizada em instituições de Educação Infantil do município de Porto Alegre, Felipe e Guizzo (2004) chegaram à seguinte conclusão:

[...] existe uma rígida vigilância em torno da masculinidade infantil, como se ela fosse uma espécie de garantia para a masculinidade adulta. Para essas autoras, “as instituições escolares ainda estão muito preocupadas em uniformizar os seus discentes na tentativa de eliminar possíveis diferenças. Tal preocupação está presente também em relação à sexualidade” (FELIPE; GUIZZO, 2004, p. 35).

Pacheco (1999, p.09) argumenta que “[...] a dança nas aulas de educação física pode contribuir para que acabemos com concepções fechadas e restritas de masculinidade/feminilidade, bem como para que respeitemos as ações individuais”.

Desse modo conclui-se que, apesar das dificuldades em se trabalhar à dança, ela pode ser o caminho para desmistificar que essa atividade é exclusiva de meninas.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, por meio da qual foi realizada uma pesquisa de campo em uma escola de dança situada na capital do Espírito Santo, bairro Jardim Camburi, conhecida como Alice Gasparini.

De acordo com Chizzotti (2011, p. 18), a expressão qualitativa “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

O método proposto para a coleta de dados foi a entrevista por meio da qual foi possível identificar e analisar as formas utilizadas pelos profissionais da área de dança nessa escola para formar o corpo de baile masculino.

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos “fatos humanos”. O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas de pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemáticas, essencialmente sobre a presença humana e a capacidade de empatia, de uma parte, e sobre a inteligência indutiva e generalizante, de outra parte (MUCCHIELLI,1991, p.03)..

Vale ressaltar que a metodologia ajudará na descoberta dos motivos relacionados ao problema questionado nesta pesquisa. De acordo com Bruyne, (1991, p. 29), “a metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados”.

Os autores Denzin e Lincoln (2000, p.01) descrevem a pesquisa qualitativa como “[...] uma abordagem interpretativa e naturalista de seu objeto de estudo”. Isso informa que pesquisadores qualitativos estudam coisas em seu cenário natural,

buscando compreender e interpretar o fenômeno em termos de quais os significados que as pessoas atribuem a ele”.

[...] na abordagem qualitativa, o que se pretende, além de conhecer as opiniões das pessoas sobre determinado tema, é entender as motivações, os significados e os valores que sustentam as opiniões e as visões de mundo. Em outras palavras é dar voz ao outro e compreender de que perspectiva ele fala (FRASER; GONDIM, 2004, p.8).

Para maior clareza desse trabalho apresentaremos o conceito de pesquisa segundo alguns autores de nossa literatura, visto que temos o conhecimento que se trata de um método científico com a intenção de indagar os motivos que levam os indivíduos em pesquisa ao encontro do problema levantado. Segundo Gil (1987 p. 27) a método científico seria “[...] o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Já em relação à palavra pesquisa Gil (1999, p.42) declara que, “pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistêmico de desenvolvimento do método científico, que tem como objetivo descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

De acordo com Minayo (1993, p.23) a pesquisa é considerada como:

[...] atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO, 1993, p.23).

Utilizaremos dentro de vários tipos de pesquisas existentes a pesquisa descrita como qualitativa na qual existe um envolvimento dinâmico entre o papel profissional do indivíduo e sua formação social. Segundo Silva e Menezes (2000, p. 20), “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

De acordo com Bueno (2002):

o sujeito ao reconstruir seu itinerário de vida realiza uma reflexão quando relembra o seu passado e a partir disso toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método, encontra-se nessa tomada de consciência de suas experiências sejam elas negativas ou positivas, as quais possibilitam rever certos pontos de atuação enquanto professor (BUENO, 2002, p.23).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, na qual o roteiro foi mais flexível, nos permitindo intervenções na conversa, como maneira de esclarecer os pontos que desejamos. Entrevistamos os professores utilizando a técnica descritiva exploratória, considerando o pensamento de GIL (1987, p.41) que entende que esse método visa “[...] proporcionar maior familiaridade com a questão ou problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

Segundo Szymanski (2004, p. 19), “este instrumento tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados

num formato padronizado [...]” De acordo com a autora a interação social construída entre pesquisador/pesquisado proporciona uma reflexão conjunta do tema proposto, levando os envolvidos a uma “situação de interação humana, em que estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado.” (p. 12).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1- CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA E DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

A entrevista ocorreu com dois professores da área de danças clássicas, que atualmente trabalham e dançam na academia de dança Alice Gasparini, conhecidos como Breno Heber e Tami Gasparini, que atuam no mercado há mais de 10 anos de sua profissão. A academia de dança, surgiu no rio de janeiro, em nova iguaçu, atualmente está no mercado há 42 anos, em 2019 fizeram uma comemoração aos 40 anos de jornada. O surgimento da escola de dança foi através da vivência, prática e sentir necessidade de transmitir o que se havia praticado, que a Alice Gasparini sentiu em passar para as pessoas que não tinham essa vivência, e quis expandir todo o seu conhecimento e amor que sempre teve pela arte.

A Alice Gasparini, é a mãe de tami, e usou seu próprio nome para nomear sua escola de dança. Ao se mudarem para o espírito santo, em 1999 a escola de dança abriu um espaço de musculação e assim administrou essas duas áreas. Mas o seu foco sempre foi nas aulas de danças clássicas, objetivando formar grandes bailarinos e sempre que ocorrer festivais de danças, dentro e fora do estado, os alunos se interessam, se preparam para fazerem as inscrições e assim realizam os seus sonhos, competindo com outras academia e mostrando o seu desenvolvimento e expressando todas as suas emoções e sentimentos em apenas uma coreografia.

O ato da apresentação, não é simplesmente subir no palco sem um contexto e dançar, é preciso ter um tema, uma música que combine com essa tema, bailarinos que se identificam com a música e seus companheiros, que haja sintonia e consigam passar isso para as pessoas que assistem.

É preciso saber a hora exata de usar cada expressão, cada movimento para que não passem expressões erradas e com isso tudo atrapalhando tudo o que se foi pensado e trabalhado, e isso tudo exige muita dedicação e ensaios. Afinal, as descobertas feitas pelo corpo, deixam marcas e servirão de aprendizagem para o resto de sua vida.

O autor Elenor Kunz (2001) destaca que na escola:

[...] as expressões humanas, praticamente, só se manifestam em forma de mera repetição, memorização ou cópia. Assim, a linguagem e movimentos produzidos com finalidades de entendimento são padronizados no plano social e cultural e os entendimentos comunicativos, no plano intersubjetivo, livres de padronizações, se restringem a raros momentos de liberação e oportunidade de contato no mundo da vida, especialmente quando se

envolvem com o mundo de movimentos, esportes e jogos (KUNZ, 2001, p.25).

Todo final de ano, a escola se apresenta no teatro da Ufes, localizado no bairro goiaberas/vitória, os alunos treinam durante o ano todo e se apresentam para seus amigos e familiares, com um tema diferenciado e escolhido a cada ano e as coreografias que são montadas para apresentação final de ano é usada no ano seguinte no festival de dança - ENESDANÇA, que acontecem dentro do teatro da UFES e lá são apresentadas várias modalidades tais como: ballet, jazz, contemporâneo, dança de rua, populares entre outros.

Esse festival, tem o intuito de Incentivar e valorizar a produção da dança local, realizar o intercâmbio de grupos amadores e profissionais, atualizar professores e bailarinos, incentivar o aprendiz da dança e a formação de platéia, situar o Espírito Santo no eixo cultural da dança e proporcionar à população Espetáculo de Dança de alta qualidade através de arrecadação de alimentos destinados às entidades sociais.

4.2- PRINCIPAIS DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES

Ao entrevistar a proprietária e bailarina Tami Gasparini, que desde os 4 anos de idade, atua na área da dança, nos contou que desde criança, sempre foi sua paixão dançar, pelo fato de sua mãe Alice Gasparini ser bailarina e por presenciar e acompanhar de pertinho a rotina dela, foi se apaixonando gradativamente.

Tami é formada na faculdade Estácio de Sá, 2012/1, que fica localizada no bairro Jardim Camburi/Vitória . Em meio a entrevista nos contou a sua dificuldade que tem em atrair o gênero masculino para sua academia, não depende apenas de meios sociais para que atrair, mas sim de um apoio cultural em nosso estado e os professores que atuam no ensino escolar, e isso dificulta muito no ato da realização de espetáculos e projetos que movimenta a dança capixaba.

Hoje em dia a academia possui em média, 150 alunos e apenas 3 homens, com isso conseguimos visualizar o déficit de homens nas aulas.

Segundo Tami, um dos meios que eles buscam para atrair o gênero masculino é através de divulgações por meio de vídeos e fotos nas redes sociais, sendo utilizado a figura masculina em cena, mostrando atrativos e benefícios que a dança pode trazer para esse público, tais como; mental, físico, consciência corporal, coordenação, melhora na postura, fortalecimento de músculos, diminuição de dores no corpo e autoconhecimento .

Na verdade, toda influência que a mídia exerce sobre a população só ocorre porque existe grande aceitação por parte dessa população e de nada adiantaria uma censura ou proibição, pois limitaria as pessoas a refletirem e aqui cabe o papel da escola (SBORQUIA; PÉREZ; GALLARDO; 2002, p. 105).

Relata que considera importante nas aulas de educação física no ensino escolar ter o conteúdo de dança presente, pois se desde a infância, consegue trabalhar esse conteúdo, proporcionar ganhos significativos no que diz respeito à parte cognitiva e sensorial. E além de trabalhar com a coordenação motora e todas as valências

físicas, traz benefícios para a auto-estima e a autoconfiança do indivíduo e diminuição do preconceito.

Fundamentalmente, é preciso pensar a formação do professor como um processo, cujo início se situa muito antes do ingresso nos cursos de habilitação – ou seja, desde os primórdios de sua escolarização e até mesmo antes – e que depois destes tem prosseguimento durante todo o percurso profissional do docente (BUENO, 2002, p.22).

Desta forma, a sociedade influencia muito no lado quantitativo de alunos de gênero masculino, por mais que já tenha diminuído o impacto gerado na sociedade, infelizmente, ainda existe muito preconceito da população com homens que dançam. Talvez, o fato da nossa arte ainda não ser valorizada como deveria e não ser implícita a prática da dança como atividade essencial nas escolas de ensino normal, influencie para isso também.

O trajeto que leva o menino da posição masculina a uma visão de masculinidade é o resultado de um longo percurso que se constrói em um espaço político e social, através de diversos rituais e provas de iniciação – é extremamente complexo, e o fantasma de não alcançar é uma presença constante (CECCARELLI, 1998,p.52).

De acordo com Brito e Santos (2013, p. 05), “a construção da masculinidade se faz em oposição à feminilidade e aos aspectos que são associados a ela, em especial o modelo hegemônico de masculinidade que se contrapõe não só ao feminino, mas também a outras formas de masculinidades”.

Ao nascer, o ser do sexo masculino recebe uma expectativa familiar e social, então imediatamente são caracterizados com objetos e vestuários que estão ligados ao gênero de acordo com a sua sexualidade. Segundo Duveen (1999, p. 266), “a força da categorização nas representações de gênero que circulam em volta da criança é tão forte que ela sempre vai aparecer como uma menina ou como um menino desenvolvendo identidades sociais específicas.” Devemos lembrar que nenhuma criança nasce preconceituosa, o preconceito é algo que o adulto desenvolve nela.

Ceccarelli (1998, p.55) “é por esta razão que a masculinidade é frágil e constantemente ameaçada, e por esse motivo que seu desenvolvimento é forçado de alguma forma, sob medo de que ela não se manifeste”. Ele ainda declara que “não é por acaso que tantos tabus, proibições e expedientes são necessários para salvaguardar a masculinidade do perigo de contaminação pela feminilidade” (ibid. 1998, p.55).

O fato das crianças possuírem um convívio social familiar, já atribui um direcionamento de seus valores afetivos, e uma possível negação ao sexo oposto pode dificultar a ação dos professores de educação física quanto ao trabalho corporal a ser desenvolvido com os educandos. A educação física encontra-se como protagonista de olhares repressores e sexistas dentro das instituições, talvez seja o fato de sua prática estar ligada a movimentos e expressões corporais, as relações de contato corporais tão temidas pela sociedade, dessa forma os profissionais da área acabam cedendo a discursos do senso comum e padronizando suas aulas de acordo com as demandas sociais. E no processo de escolarização de crianças e

jovens uma construção de identidade sexual, através de regras gerais, que deixam claras diferenças entre os sexos.

Mesmo na escola mista, a manutenção das representações de homem e mulher continua a existir nas aulas de Educação Física. A construção social do masculino e do feminino esteve sempre aliada a uma visão dicotômica – corpo/intelecto – exigindo, assim, nas aulas a separação de meninos e meninas tanto em termos de padrões esportivos quanto em normas e gestos a serem executados. O esporte e a dança, enquanto conteúdos da Educação Física, durante muito tempo adotaram/adotam instrumentos de diferenciação e hierarquização dos sexos a partir das suas práticas. Nas competições pode ser visto claramente essas diferenças desde o ponto de vista da superioridade e inferioridade (LUIZ J. 2002, p.06).

Acredita-se que essa resistência relatada pelo professor seja fruto do medo de um julgamento social sobre as atividades realizadas que envolvam movimento corporal. Os alunos do ensino infantil possuem uma facilidade maior em realizar essas atividades, pois ainda não possuem o que o autor Verden-Zöllner (2004, p.228-9) chamará de “consciência social”.

Na criança, a consciência individual surge com o desenvolvimento de sua consciência corporal, quando ela aprende seu corpo e o aceita como domínio de possibilidades, ao aprender a viver consigo mesma e com os outros na linguagem [...] A criança só adquire sua consciência social e autoconsciência quando cresce na consciência operacional de sua corporeidade (VERDEN-ZÖLLNER, 2004, p.228-9).

De acordo com o pensamento de Vigarello (1978, p.9) que declara que “o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos dados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura inscrever seus signos como brasões”.

A segunda entrevista ocorreu com o professor Breno Heber, da academia Alice Gasparini. Breno, nos contou que sua maior motivação para se tornar bailarino nos dias de hoje, foi sua prima Júlia Gomes, que desde de pequena dançava e sempre sonhava em se tornar uma grande bailarina clássica. Tendo a convivência com sua prima que era responsável por cuidar em tempos que sua mãe trabalhava, os dois se divertiam no fim de tarde de seu quintal, vendo vários vídeos e filmes relacionado a dança e tentava reproduzi-los logo em seguida, sua prima por ser mais velha era a professora responsável por dar aula clássicas para Breno.

Em um dia de escola normal, a escola comunicou que iria ceder um espaço não utilizado por eles para um projeto social, conhecido com ACES, que é um projeto gratuito, a fim de se socializar com sua comunidade e nele abriria turmas de danças clássicas, motivando a prática corporal desde sempre, informaram que poderiam participar meninas e meninos e com isso, despertou interesse ao ponto do Breno se matricular, aos 9 anos de idade.

Além do seu primeiro contato com a dança tivesse sido em casa e com uma familiar, isso ajudou muito no dia do seu teste, pois aquelas tardes animadas e divertidas que teve com sua prima o preparou para o grande teste de sua vida e com isso conseguiu sua aprovação e com tempo e muitos treinos, se dedicou ao ponto de

conseguir uma bolsa na escola Alice Gasparini que hoje é o seu meio de sobrevivência, afinal ele dança para essa escola e trabalha para obter sua renda mensal . Durante a conversa, ele relata que não teve tanta dificuldade em exercer a profissão como professor, devido sua estrutura de professores sempre terem conservado e encorajado independente do que se poderia vivenciar ao preconceito .

Embora, ele nos conta que por mais que ele seja o professor da turma isso ainda não é suficiente para atrair o gênero masculino para suas aulas, o preconceito está no dia a dia com seus próprios colegas de sala, que por mais que a sociedade tenha evoluído tecnologicamente, observa se que mentalmente ainda não, considerando uma mente fechada e machista, nem se importante o quanto isso machuca a quem decide a ter a vivência.

O preconceito surge no âmbito familiar, onde a família oculta várias informações importantes , tais como dizer que faz parte da nossa cultura, criticando e implantando ideias bizarras e suas cabeças . Segundo Jeffrey Weeks (2010, p. 40) a sexualidade é “[...] na verdade, ‘uma construção social’, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas”.

Preconceito é um juízo preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória que se baseia nos conhecimentos surgidos em determinado momento como se revelassem verdades sobre pessoas ou lugares determinados. Costuma indicar desconhecimento pejorativo de alguém ao que lhe é diferente (FERRARI, 2008, p.11).

A única esperança é que os professores de ensino, consiga trabalhar isso em suas aulas , de forma que não assuste os alunos e quem sabe assim conseguiria quebrar esse paradigmas conseguindo atrair mais meninos para dançar, pois o papel da escola como sustentadora de discriminação, difundido concepções e realizando uma padronização nos gêneros sociais existente, apesar de existir uma diferença biológica "não deve haver uma segregação ".

Justificando o trabalho com a dança dentro das escolas Silva (2009, p.139) afirma que “a arte da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade”.

É extremamente importante o trabalho com a dança vinculada a um conceito de expressão corporal dentro das aulas de educação física, e esse trabalho deve ser realizado de maneira que sejam considerados os diferentes ideais de valores sociais, para que esse indivíduo possa conhecer e conviver com culturas distintas.

A dança, como outras manifestações da cultura corporal, é capaz de inserir o seu aluno ao mundo em que vive de forma crítica e reconhecendo-se como agente de possível transformação, mas, para tal é necessário não apenas contemplar estes conteúdos e sim identificá-los, vivenciá-los e interpretá-los corporalmente. (EHRENBERG; GALLARDO, 2005 ,p. 124) .

Dessa forma, acreditamos que o professor de educação física, por meio de seu conhecimento acadêmico, possui a capacidade de promover a cultura corporal de movimento, mas não deve se esquecer de que o sujeito é um ser construído e influenciado socialmente.

Segundo Daolio (1995), os valores e princípios culturais são descritos como uma espécie de postura social, dessa forma quando o indivíduo atua no corpo ele está realizando o mesmo processo perante a sociedade na qual está inserido.

Citaremos Fernandes, Rocha e Alcades (2011) que descrevem o surgimento da dança como prática da Educação física no Brasil em 1920, com a adaptação de movimentos ginásticos em seus alicerces elementares.

No Brasil a dança ligada à Educação Física surge na década de 1920 por agregação de movimentos ginásticos em suas bases elementares”. Já em 1940, foi incluída na formação de professores de educação física, e gerou um núcleo que liderou a disseminação da dança em diferentes modalidades, posteriormente tornando-se parte dos currículos de licenciatura. Continuou a passar por transformações e em 1980 foi reformulado a licenciatura e o bacharel, confirmando a necessidade dos professores de educação física desenvolverem saberes e competências em relação à dança e suas diferentes manifestações (FERNANDES, ROCHA, ALCADES, 2011,p.01).

Muitos pais e responsáveis reclamam da prática por acreditarem ser exclusivamente feminina e terem mentes fechadas, ao ponto de não quererem ter conhecimento e prática dessa vivência. Essa posição da família em relação à dança tem como resultado a falta de participação masculina em atividades rítmicas, pois sentem vergonha diante da prática da dança, chegando a questionar se isso afeta sua masculinidade, e por esse motivo a participação masculina na dança é nula, ou quando não, é ridicularizada.

O fato da dança ser tratada como algo não pertencente ao universo masculino no Brasil, curiosamente surge nas aulas de educação física de algumas escolas no Rio de Janeiro. Segundo Goellner (2001) “[...] nestas instituições essa expressão artística é permitida apenas às moças, essa era uma maneira de evitar que qualquer outra forma de exercício físico causasse problemas à futura mãe ou transformasse sua aparência corporal”.

De acordo com Santos e Ferreira Filho (2012):

[...] alguns autores afirmam que de alguma forma a sociedade passou a rotular as atividades práticas motoras delimitando a serem pertencentes ao gênero masculino ou feminino, reprimindo vivências motoras do nosso corpo, e assim foram estabelecidas que atividades rítmico-expressiva entre as quais aparece a dança, seriam atividades exclusivas para mulheres, já as modalidades esportivas, sobretudo as coletivas, seriam atividades de exclusividade dos homens. (SANTOS; FERREIRA FILHO, 2012, p.01). .

A dança pode ser visualizada por vários ângulos que atribuem valores diferenciados a sua prática, podendo ser destacado os valores morais, sociais e culturais

envolvidos por ela, sendo assim para cada ser humano ela é denominada de uma forma positiva e para outros de uma forma negativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado das entrevistas e análise dos dados destacamos ainda haver uma ideologia sexista social presente na sua formação pessoal e profissional. De acordo os artigos, o que se identifica é que há uma grande facilidade em descrever a importância da dança no meio sociocultural, mas ao introduzir e ter a vivência gera um grande desconforto e dificuldade no campo escolar. Pois o que encontramos é que ela é esquecida ou apenas lembrada e utilizada em eventos pontuais. Mas o porquê disso acontecer?

A resposta é clara, afinal, como os professores relatam a resistência dos alunos, devido a formação cultural sexista, se ele mesmo possui uma dificuldade com a prática, como esse indivíduo conseguirá mostrar para o seu aluno a importância do meio sociocultural que existe nesse conteúdo? Desta forma, fica difícil de entender, causando conflitos. O que devemos considerar é que a educação física possui um campo extremamente grande e amplo, com várias possibilidades de conteúdos a serem trabalhados e o professor que realmente quer se tornar diferenciado no mercado, devem buscar conhecimento tanto como teorias quanto a prática. Assim, facilita a sua intervenção.

Embora muitos não percebam, isso impacta em escolas de formação técnico-profissional em dança, dificultando a atração do gênero masculino para formação do quadro de bailarinos. A masculinidade é questionada, quando ela não apresenta efeitos e atitudes necessariamente contrárias a de uma mulher, e de certa forma se iguala a ela deixando de lado as características padronizadas que são esperadas de seu gênero.

Com base na entrevista, os professores relatam que a forma como a dança se encontra atualmente no contexto escolar contribui para as limitações na formação relacionada a esse conteúdo. Isso tudo, atrapalhando as crianças em suas escolhas livres e até mesmo atrapalhando a sua infância. Afinal o preconceito vem da base familiar, e muitos não têm a sorte como o entrevistador Breno, que sua família desde sempre o apoiou em suas escolhas e seus professores o encorajaram para seguir firme nesse campo profissional como bailarino e professor de dança clássica. Pois, mesmo ele sendo o professor da turma, isso ainda não é suficiente para atrair o gênero masculino para suas aulas.

Quando paramos para refletir ao ver uma mulher dançando, são poucas as pessoas ao redor que olham, mas quando um homem dança chama a atenção de todos ao seu redor, uns fazem críticas boas e outros ruins tornando assim um especial das minorias. Quem vive da dança no seu cotidiano, tem o privilégio, como além dos aspectos citados na pesquisa acima e de melhorar sua expressão corporal com um todo ao seu redor. O simples ato de dançar através de uma música, coreografia, ritmo, figurinos para encenação, é resultados de vários sentimentos, como amor,

paz, alegria, tristeza, entre outros dentro de uma só dança, e quem está de fora consegue visualizar e sentir essa energia incrível.

Portanto, conclui-se que a dança é uma atividade corporal onde não se divide grupos por meios de gênero masculino e feminino, ressaltando sempre que a dança é uma arte advinda do movimento humano que é estudada nas grandes instituições e faz parte da cultura e tradição dos povos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Debora. Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola. 2º Ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

BERTONI, Iris Gomes. A dança e a evolução, ballet e seu contexto teórico, programação didática – São Paulo: Tanz do Brasil, 1992.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Revista da Faculdade de educação USP, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan. 2002.

BRITO, Leandro Teófilo. SANTOS, Mônica Pereira. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. Revista brasileira de ciência do esporte. Campinas. v.27 n.2 , p. 236-246. jun 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092013000200008&script=sci_arttext > Acesso em: 06 dez. 2021

CECCARELLI, Paulo Roberto. A construção da masculinidade. In: Percurso, São Paulo, v.19, p.49-56, 1998.

CONNEL, R.W. et al Estabelecendo a diferença: Escolas, famílias e divisão social 7a ed. Trad. Ruy Dias Pereira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 228p.

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus.1995

CHIZZOTTI, Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus.1995

DENZIM, Normam K. LINCOLN, Yvonna S. Entering the Field of Qualitative Research. In: Handbook of Qualitative Research.2. ed. United States: Sage Publications, 2000. p.1-17

DOMINGUES, Josiane Vian; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. Bailarinos na ponta pode: as masculinidades do ballet clássico. In: Simpósio Nacional de Educação Física, XXIX, 2010, Pelotas. Anais do Simpósio Nacional de Educação Física. Pelotas: ESEF/UFPel, 2010.

DUVEEN, Gerard. Crianças enquanto atores sociais: as representações sociais em Desenvolvimento. In: Textos em Representações Sociais. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes,1999.

ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. Rev. Abordagem Gestáltica, Goiânia , v. 14, n. 1, p. 93-97, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 dez. 2021.

EHRENBERG, Mônica Caldas. GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar. Motriz. Rio Claro. v.11, n.2, p.121-126, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/11MCE.pdf>> Acesso em: 06 dez. 2021

FERNANDES, Rita de C. ROCHA, Adenilson José de A. ALCADES, Thais R. Efdeportes.com, Revista digital, Buenos Aires. n.153. fev.2011.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas. GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, Ribeirão Preto, vol.14 n.28, p. 139 -152, Mai.. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200004>. Acesso em: 06 dez 2021

FELIPE, Jane, GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar, SOARES, Rosângela (Orgs). Corpo, Gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

FERNANDES, Rita de C. ROCHA, Adenilson José de A. ALCADES, Thais R. Efdeportes.com, Revista digital, Buenos Aires. n.153. fev.2011.

FERRARI, Anderson. Método Científico. In: ____O professor frente ao homoerotismo masculino no contexto escolar. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2000. Juiz de Fora, 2000.

GARCIA, R. L. O corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar.1989.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 16, jan. 2001. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4966/5133>>. Acesso em: 06 dez. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/4966>.

HANNA, Judith Lynne. Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. A construção social da masculinidade. Ed. UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2004.

KUNZ, E. Práticas didáticas para um “conhecimento de si” de crianças e jovens na educação física. In: __ (Org.). *Didática da educação física 2*. Rio Grande do Sul: Editora Unijui, 2001. p. 15-52.

LANGENDONCK, Rosa Van. História da dança ,Rio de janeiro, 2016
http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/sugestao_leitura/historia_danca.pdf Acesso em: 25 setembro, 2021.

LEMOS, Fernanda. A representação social da masculinidade na religiosidade Contemporânea. *Revista netmal in revista*. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fperiodicos.ufpb.br%2Fojs%2Findex.php%2Fdr%2Farticle%2Fdownload%2F10736%2F6007&ei=3nR1VYCFNYT4yQS6u4Eg&usg=AFQjCNHqQP739bIV4sBm1yKIZDiF58VS_g> ,p. 1-16, 2008.

LUZ JÚNIOR, Agripino Alvez. Gênero & Educação Física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimento. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 19, jan. 2002. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/957>>. Acesso em: 01 dez de 2021.

MELO, Carolina Feitosa. COSTA ,Maria Regina de Menezes. Os conteúdos da cultura corporal do movimento ministrados nas aulas de educação física escolar. *Revista Cocar, Pará*, v.03, n.5, p 77-85, jan/jun 2009.
<http://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/72/70> Acesso em: 24setembro, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec, 1993.

MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. A dança como conteúdo específico nos cursos de educação física e como área de estudo no ensino superior. *Revista paulista de Educação Física*, São Paulo, v. 8, n. 2, jul./ dez. 1994, p. 3-13. Disponível em: <http://portal.revistas.bvs.br/index.php?issn=0102-7549&lang=pt> . Acesso em 26 de set 2021

MUCCHIELLI, R. Les Méthodes Qualitatives. Paris: Presses Universitaires de France.1991.

NANNI, D. Dança educação: pré-escola à universidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. A construção social da masculinidade. Ed. UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. 2004.

PACHECO, Ana Julia P. Educação física e dança: uma análise bibliográfica. Revista pensar a prática, v.02, p. 156-171, Jun./Jun. 1999. Disponível em: <<http://core.ac.uk/download/pdf/26902911.pdf>> Acesso em: 20 set. 2021.

PUPO, Kátia Regina. Método Científico. In: __. Violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero. Faculdade de Educação. USP, São Paulo, 2007. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-27112007-142609/pt-br.php> Acesso em: 24 setembro, 2021.

RANGEL, Nilda B. C. Dança, educação, educação física; propostas de ensino da dança e o universo da educação física – São Paulo: Fontoura, 2002.

ROMERO, E. Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pósgraduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SAMARA, Eni de Mesquita. O discurso e a construção da identidade de gênero na América Latina. In: Gênero em Debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997. p. 11 – 51.

SANTOS, Leonardo Barros. FERREIRA FILHO, Raul Alves. Dança versus masculinidade: o ‘homem’ do século XXI e as nuances sociais relacionadas à discriminação. EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, v 17 n 168, mai 2012. Disponível em : <http://www.efdeportes.com/efd168/danca-versus-masculinidade-e-a-discriminacao.htm> . Acesso em: 06 de dez 2021.

SBORQUIA, Silvia Pavesi. GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. As danças na mídia e as danças na escola. Revista brasileira de ciência do esporte. Campinas. SP. v. 23, n. 2, p. 105-118, jan. 2002. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCMQFjAB&url=http%3A%2F%2Foldarchive.rbceonline.org.br%2Findex.php%2FRBCE%2Farticle%2Fdownload%2F273%2F256&ei=5BVuVdqQB4LHsAX1moCgBw&usq=AFQjCNGLU7c2VJ5tGrj5Tpj9gGgZrCnNlA>> Acesso em: 06 dez 2021 .

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. Florianópolis: SC, 2000.

SILVA, Silvana dos Santos. A dança: sentidos e significados. Efdeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires. n.139. dez. 2009.
<https://www.efdeportes.com/efd139/a-danca-sentidos-e-significados.htm> acesso em: 26 setembro, 2021

SOUZA, Ezequiel. Religião, gênero e diversidade sexual. In: FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8.,. 2008, Florianópolis. Religião, gênero, masculinidades. Florianópolis :Escola Superior de Teologia. 2008. p. 1-7.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, R. C. A. R.(Org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

VERDEN-ZÖLLER, Maturana H. Gerda. Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano.2.ed. São Paulo: Palas Athena, 2004.

VIGARELLO, G. Le corps redressé: Histoire d'un pouvoir pédagogique. Paris: Délarge éditeur, 1978. p.09.

WEEKS. Jeffery. O Corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010. p. 240-242